

Revista a EVOLUÇÃO



Memórias Literárias

- 5
- 9
- 11
- 15
- 17
- 21
- 23
- 25
- 27
- 29
- 33
- 37
- 41

CE
Lite
comun
corações
entrecruza
certeza, irão

PREFÁCIO

fascinante.
Suassuna

Transformar a vida em literatura... leitoras e leitores, co
experiência de viver, como nos diz Suassuna. A obra se cruzam e
Vamos mergulhar nessas histórias? É pra quem quer ler e
da obra que agora se apresenta. As histórias aqui registradas esta
num lugar muito especial e foco de estudos guardadas
antiguidade – a memória.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

CEU ÁGUA AZUL



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano V - nº 52 - Maio de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

Colunistas:

Adeilson Batista Lins

Isac Chateaneuf

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos
Andressa Talita de Lara
Antônio Evaristo
Daniela da Silva Souza Santos
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Letícia Zuza de Lima Cabral
Luciana Pereira dos Santos Martins
Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida da Silva
Maria de Lourdes Ferreira da Silva
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Marilena Wackler
Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo
Monika Shinkarenko
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sabino Lázaro Argentino
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 52 (mai. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 206 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.52

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>



São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Isac Chateaufneuf

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Dr. Isac Chateaufneuf

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins

Prof. Dr. Isac Chateaufneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

Vilma Maria da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaufneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 DESTAQUE

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

14 POIESIS

J. Witon

ARTIGOS



1. A INSTRUÇÃO COGNITIVA E O CONHECIMENTO DURANTE O INÍCIO DA LINGUAGEM ESCRITA ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS	15
2. OS ALUNOS DE EJA E AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS ANDRESSA TALITA DE LARA	23
3. A INSERÇÃO DA LITERACIA FINANCEIRA COMO DISCIPLINA NOS PROGRAMAS CURRICULARES DAS ESCOLAS DO ENSINO PRIMÁRIO ANTÔNIO EVARISTO	31
4. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR DANIELA DA SILVA SOUZA SANTOS	39
5. A RELEVÂNCIA DA SEGURANÇA E CULTURA DE PAZ NA EDUCAÇÃO DESDE A INFÂNCIA DINAH LUISA DA SILVA	45
6. REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO DAS ARTES ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO	53
7. OS ANOS INICIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LINGUAGEM ESTER DE PAULA OLIVEIRA	59
8. A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA CULTURA INDÍGENA FERNANDA JAQUELINA IRINEU HOLANDA	65
9. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A MOTRICIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL JANAÍNA PEREIRA DE SOUZA	71
10. A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO E DA SUPERVISÃO ESCOLAR JÉSSICA MIDORI NINOMIYA RIBEIRO	77
11. A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E O DESEMPENHO EM MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL	85
12. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS MARTINS	93
13. NEUROCIÊNCIA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS	105
14. REGGIO EMILIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARCELA RODRIGUES PIMENTEL	111
15. A GESTÃO ESCOLAR E O PROCESSO DEMOCRÁTICO E PARTICIPATIVO MARIA APARECIDA DA SILVA	117
16. A LUDICIDADE E CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NAS CRIANÇAS MARIA DE LOURDES FERREIRA DA SILVA	123
17. DIVERSIDADES NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL MARIA GILMA DO NASCIMENTO AZEVEDO	133
18. LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO DOCENTE MARILENA WACKLER	141
19. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ABORDAGEM SOBRE A ÁGUA MONIK DE CÁSSIA SENA DE ALMEIDA MORELO	151
20. O TEA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MONIKA SHINKARENKO	159
21. NEUROLINGUÍSTICA: UMA INTERSEÇÃO ENTRE NEUROCIÊNCIA E LINGUAGEM PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	165
22. O IMPACTO DO ESTILO DE LIDERANÇA OPTADO PELO GESTOR ESCOLAR NA GESTÃO DA ESCOLA SABINO LÁZARO ARGENTINO	171
23. RELAÇÕES AFETIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR RELACIONADAS AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SIDNEIA VIANA	183
24. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA TEA SILEUSA SOARES DA SILVA	191
25. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO UNIVERSO SIMONE DE CÁSSIA CASEMIRO BREMECKER	199

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA TEA

SILEUSA SOARES DA SILVA¹

RESUMO

Diante das necessidades educacionais de todos e em específico das crianças com o Transtorno do Espectro Autista, os docentes desenvolvem recursos, estratégias e materiais para possibilitar o desenvolvimento com base no princípio da inclusão e da equidade. Este artigo tem como objetivo, levantar as bases teóricas que permeiam esse tema e a contribuição dessas práticas para o desenvolvimento das crianças autistas. Buscamos apresentar o processo de inclusão no ambiente educacional, tendo como foco a musicoterapia como um meio de contribuir para que esse processo aconteça na escola.

Palavras-chave: Acessibilidade; Acolhimento; AEE; Inclusão. Musicoterapia.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecido mundialmente como autismo, é classificado como um transtorno global do desenvolvimento, caracterizando-se pelo desenvolvimento atípico da interação social verbais (como contato visual, postura e expressão facial, da comunicação (verbal e não verbal podendo existir atraso ou ausência da linguagem) e da presença de um repertório marcadamente restrito de interesses e atividades

As crianças com autismo podem apresentar diferenças entre si. Porém, existem algumas manifestações que possuem características comuns, como: alterações da comunicação, da imaginação e da interação social, padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, comportamentos como movimentar os braços, emissão de sons repetitivos, falta de comunicação visual, dificuldade em mudar

rotinas, e muitas outras. O autismo é um transtorno que requer atenção precoce e, como outros casos, a família cumpre um papel fundamental na aplicação do mesmo, pois ela vai determinar a evolução que este alcança.

O autismo tem como característica a ausência ou deficiência a nível tanto de interação social, na comunicação, assim como no desenvolvimento da simbolização, apresentando um padrão de atividades e interesses limitado, repetitivo e estereotipado. Algumas dessas características são perceptíveis antes dos trinta meses de vida. Alguns sinais de alerta são: falta de resposta e/ou rejeição ao contato com outras pessoas, isto é, não reconhecimento diferenciado da mãe, não mover a cabeça quando dele se aproxima; ausência de choro; problemas de alimentação; problemas de sono; surdez aparente; falta de desenvolvimento das orientações que normalmente aparecem antes da linguagem.

¹ Graduada em Pedagogia e Geografia pela Universidade de Guarulhos, UNG. Pós Graduada em Psicopedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, (PEIF), e Professora de Educação Infantil, (PEI) na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

O Transtorno do Espectro do Autismo não se apresenta como algo relativo, já que não há uma fórmula para evidenciar sintomas relacionados ao autismo. Identificar uma pessoa com autismo é lembrar que as características descritas acima são inseparáveis, podendo ser evidentes ou não, de acordo com seu nível de gravidade. Entretanto, os sintomas não surgem de forma igual para todas as pessoas. É necessário reconhecer que por mais parecidos que sejam, cada situação é igual, nenhum autista é igual ao outro.

Alguns aspectos da pessoa com autismo não podem ser motivos de desistência nas questões pessoal, educacional e profissional, é um desafio, e os primeiros passos a serem tomados é conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por condições para bom desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. O autismo não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novos olhares, novas possibilidades de conhecimento, na compreensão do sujeito, enquanto ser social, buscando perspectivas de evolução.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA TEA

Com o nascimento de uma criança uma grande mudança ocorre na organização familiar, a qual se torna dramática quando o bebê apresenta dificuldades na interação precoce com o ambiente, causadas ou acentuadas, muitas vezes, por problemas orgânicos, genéticos ou adquiridos. Não é tarefa fácil ouvir que seu filho tem autismo e ter consciência que todo planejamento a ele relacionado precisará ser modificado. Para muitos pais é uma tarefa difícil de aceitar.

Quando os familiares recebem o diagnóstico com a comprovação de que seu filho tem Transtornos do Espectro Autista (TEA), muitos veem sua vida radicalmente mudada, e na maioria das vezes, necessitam de algum suporte profissional para superar o medo. Na maioria das vezes, os profissionais ainda se encontram despreparados. Desse modo, a situação da

família fica pior, pois sem ajuda adequada não é fácil que os pais desenvolvam olhares novos frente aos muitos desafios que os esperam.

A família, nas suas mais diversas configurações constituem-se como um espaço altamente complexo. É construída e reconstruída histórica e cotidianamente, através das relações e negociações que estabelece entre seus membros, entre seus membros e outras esferas da sociedade e entre ela e outras esferas da sociedade, tais como Estado, trabalho e mercado. Reconhece-se também que além de sua capacidade de produção de subjetividades, ela também é uma unidade de cuidado e de redistribuição interna de recursos. (MIOTO, 2010, p. 167-168)

A adaptação da família está relacionada a intensidade e o grau do comprometimento da criança autista. O autismo é considerado uma doença crônica e, requer uma condição específica de cuidados especiais. Há vários fatores relevantes para a adaptação à doença crônica: crenças sobre saúde, sistemas de saúde, padrões de interação familiar, padrões de comunicação entre os membros da família e destes com o sistema de saúde. As dificuldades encontradas nos cuidados com crianças autistas têm importante impacto nas mães. É necessário que profissionais da área de saúde estejam aptos e cientes dos problemas mais comuns enfrentados pelas mães dessas crianças, para que possam assisti-las quanto ao sofrimento que passam, assim como o sofrimento da criança e da família. A cartilha autismo & realidade - Manual Para As Famílias Versão 2.0. Relatada alguns estágios que poderá ser vivido por ela, são os seguintes:

Choque: Imediatamente após o diagnóstico você pode sentir-se aturdido ou confuso. Pode ser que realidade do diagnóstico seja tão devastadora que você não consiga aceitá-la, ou que ignore o diagnóstico. Pode ser que você questione o diagnóstico, ou que consulte outro médico, esperando ouvir alguma coisa diferente. **Tristeza ou Pesar:** Muitos pais precisam chorar a perda das esperanças e dos sonhos que construíram para os seus filhos, antes que possam seguir em frente. Haverá ocasiões de tristeza imensa. Os amigos, eventualmente, dirão que você está "deprimido," o que

pode parecer assustador. Entretanto, tristeza e depressão são sentimentos diferentes. A depressão, muitas vezes, impede que a pessoa siga em frente. Sentir tristeza, entretanto, pode ajudar a amadurecer. Você tem todo o direito de sentir tristeza e de expressar essa tristeza, do modo que quiser. O choro pode aliviar, um pouco, a tensão acumulada resultante da inibição da tristeza. Chorar pode ajudar a transpor um obstáculo, e a enfrentar o 20 próximos. Se você perceber que a tristeza está interferindo com sua capacidade de lidar com a situação, ou se experimentar outros sintomas de depressão, tais como a perda de peso, a necessidade de isolamento social, pensamentos suicidas, dificuldades de sono, baixa autoestima, desinteresse pelas atividades diárias, consulte seu médico para que você receba o tratamento adequado. Raiva: Com o tempo, a raiva pode substituir a tristeza. Muito embora a raiva seja uma parte natural do processo, pode ser que você a dirija para as pessoas mais próximas – seus filhos, cônjuge, amigos ou o mundo em geral. Pode ser que você dirija a sua raiva para os pais de crianças sem deficiências. A raiva pode se manifestar de maneiras diferentes – irritação com outras pessoas, reações exageradas a pequenos problemas, até mesmo por meio de gritos e insultos. Sentir raiva é normal. A raiva é uma reação saudável e esperada para os sentimentos de perda e estresse que acompanham o diagnóstico de autismo. Expressar sua raiva alivia a tensão. É uma tentativa de comunicar às pessoas mais próximas a dor e a revolta que derivam do diagnóstico do seu filho. Negação: Pode ser que durante algum tempo, você se recuse a aceitar o que está acontecendo com seu filho. Esta reação não é uma escolha consciente: assim como a raiva, ela, simplesmente, acontece. Durante o período de negação, você não conseguirá ouvir os fatos relacionados ao diagnóstico do seu filho. Não se culpe por estar reagindo deste modo. A negação é uma das maneiras de enfrentar a situação. Essa reação pode ser o que você precisa para superar um período difícil. Entretanto, é necessário entender que este é um período de negação, e não permitir que esse sentimento atrapalhe o tratamento do seu filho. Tente não “matar o mensageiro”. Quando um profissional, um terapeuta ou um professor, relatar algo difícil sobre seu filho, lembre-se que eles estão tentando ajudá-lo a lidar com o problema. É importante não afastar as pessoas que podem dar informações úteis, e ajudar a monitorar o progresso

do seu filho. Mesmo que você não concorde com a opinião, tente agradecer, sempre. Nos momentos de angústia, tente deixar a avaliação da informação para mais tarde, para que você possa pensar com calma. Solidão: Pode ser que você se sinta isolado e sozinho. Esses sentimentos têm muitas causas. A solidão pode derivar da situação nova, pois você, simplesmente, não tem tempo de entrar em contato com amigos e familiares. Pode ser que você ache que se buscar socorro, eles não entendam. Nas páginas seguintes, apresentamos algumas sugestões para que você possa se cuidar e conseguir a ajuda necessária. Aceitação: Finalmente, a aceitação. É importante distinguir entre aceitar o diagnóstico de autismo, e a aceitar da condição de autista. Aceitar o diagnóstico significa que você está pronto para batalhar pelo filho, suprir suas necessidades especiais. O período que segue o diagnóstico de autismo pode apresentar muitos desafios, até mesmo para as famílias mais harmoniosas. Muito embora a criança autista possa não experimentar as emoções negativas associadas ao diagnóstico, o processamento individual do diagnóstico pelos pais, irmãos e outros familiares é diferente e acontece em épocas diferentes. Tenha paciência. Você precisará de tempo para entender o transtorno do seu filho e o impacto dessa condição sobre a sua família. Emoções difíceis podem vir à tona, eventualmente. Haverá momentos nos quais você se sentirá indefeso e revoltado com o fato do autismo ter mudado, completamente, o rumo da sua vida. Porém, você terá esperança, novamente, quando o seu filho começar a progredir. (CARTILHA AUTISMO & REALIDADE – Manual Para As Famílias Versão 2.0, p.14-16)

É de suma importância que o profissional entenda que os pais não são a causa de a condição de seu filho ser autistas e que tenha em mente que eles constituem uma população voltada a experimentar o estresse e depressão, principalmente a mãe. Não podemos esquecer que a identificação e a implementação do melhor tratamento possível para as crianças autistas e, talvez, para as próprias mães sejam objetivos do atendimento oferecido.

Hoje em dia, existe uma tendência à rejeição da culpa dos pais relacionada ao autismo, que passam a ser vistos, e possivelmente reconhecidos, como parceiros

necessários para o tratamento e desenvolvimento das crianças. Esses argumentos resultam de uma nova visão de família e da maior apreciação do seu papel no direcionamento das dinâmicas pessoais de crianças, incluindo as portadoras do TEA.

Por conta de suas dificuldades de integração, os processos relacionais de sua família são mais difíceis, interferindo na organização interna e externa dela. O sistema familiar vive em permanente crise, sem concepções de mudança em razão das dificuldades de desenvolvimento de um de seus elementos que apresenta um quadro de doença crônica e incapacitante. Por vezes, a família passa a viver em função da criança e de suas exigências, dada a dificuldade dela em adquirir autonomia e em razão da dependência permanente.

Por outro lado, os pais poderão buscar dicas, relatos e situações que podem melhorar a convivência familiar. Uma dica muito importante é a busca por informações. É de muita importância que os pais conheçam sobre o TEA e sobre o que pode gerar suas dificuldades e superações. Outra forma é buscar informações em grupos de apoio, com profissionais especializados ou até mesmo em conversas com outros pais que vivem a mesma situação, já torna mais aliviada a grande jornada que os pais junto com suas crianças irão enfrentar.

Um outro aspecto muito importante a ser considerado é que os pais precisam inserir a criança com TEA nas rotinas domésticas e esportivas para que a mesma comece a vivenciar experiências sociais e familiares.

Não é fácil enfrentar esse desafio sem apoio, sem companheirismo. Por isso, da família será importante para que superem as dificuldades enfrentadas no dia a dia. O importante de tudo, além de conhecer sobre o assunto, é sentir-se amparado um pelo outro, mas, desfrutando de um tempo que é somente deles. Por isso, quanto mais gerarem autonomia no filho, maior as chances de viverem uma vida feliz, saudável, prazerosa em família.

Atualmente as pessoas com necessidades especiais vêm conquistando cada vez mais seus espaços e seus direitos na sociedade, mas muitas foram suas lutas até chegar a essas conquistas.

Na década de 80, o movimento de integração de alunos com necessidades educativas especiais começou a se formar no Brasil, integrando nos dias de hoje uma política governamental que apoie e sustente leis para que crianças e adolescentes diagnosticados com qualquer necessidade especial possam estar incluídos e fazer parte da comunidade escolar. Entretanto, percebe-se que mais investimentos em projetos políticos para a educação são necessários, em virtude da complexidade do tema.

Conforme Bianchetti e Carvalho (1995), Rocha e Silva (2006), na sociedade primitiva as pessoas com alguma necessidade especial, (cegas, surdas, etc.) que tivessem alguma dificuldade de locomoção, de seguir as comunidades nômades para sobreviver precisavam se mudar constantemente para garantir os alimentos através da caça e a pesca, com a dificuldade de acompanhar o grupo, essas pessoas acabavam por se tornar um peso para os demais integrantes do grupo e, então, eram abandonados, acabavam morrendo de fome e no tempo.

Os gregos em sua sociedade, buscava nas mulheres o corpo perfeito, e os homens eram preparados para guerra. Quando nascia uma criança com necessidade especial, não se encaixando nos padrões gregos, era eliminado, ato este chamado de uma eugenia radical. Já no período feudal, sob o paradigma judaico-cristão, começa a valorização da alma: a religião passa a dominar, pregando que se a criança nascesse com alguma necessidade especial era para pagar algum pecado ou por uma força demoníaca.

Essa visão da necessidade especial foi gradualmente sendo superada pelo progresso científico, rompendo com o fatalismo e apresentando um modelo biológico que abriu as possibilidades para a educação das pessoas com

necessidades especiais. Todavia, em nome dessa mesma educação e voltada ao trabalho, houve um grande período de institucionalização das pessoas com necessidades especiais.

No Brasil o atendimento escolar especial aos portadores de deficiências teve seu início de 1854 com a fundação Imperial do Instituto dos Meninos Cegos na cidade do Rio de Janeiro. Em 1856 criou-se o Instituto Imperial para Surdos e Mudos, é importante frisar que desde seu início o instituto caracterizou-se como um estabelecimento educacional voltado para a educação literária e o ensino profissionalizante de meninos surdos mudos com idade entre 7 e 14 anos. Em 1891 a escola passou a ser chamada de Instituto Benjamin Constant em homenagem a um ilustre e atuante ex-professor.

Em 1932 foi criada a sociedade Pestalozzi no Brasil, onde foi a primeira instituição direcionada a educar pessoas com deficiência mental. No ano de 1954 surge o movimento das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) na cidade do Rio de Janeiro. As APAIES tornaram-se a maior prestadora de serviços da educação e habilitação das pessoas portadoras de deficiências em todo o país.

A Educação Especial foi contemplada no texto da lei 4.024/61 que fixou as diretrizes e bases da educação nacional e estabeleceu, em seu artigo 88, que a educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade. No ano de 1971, o MEC criou um grupo-tarefa para tratar a educação especial, produzindo uma proposta de criação de um órgão autônomo para discutir o assunto.

Com a nova lei da LDB 9.394/96 art. 58, passou-se a entender por Educação Especial, a modalidade da educação escolar, preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. Na rede pública, todos com diferenças individuais têm acesso e direito garantido de forma que possam se assemelhar cada vez mais aos demais cidadãos dentro do contexto social.

Compreende-se por inclusão, a participação de todos os em um processo de interação, linguagem e participação social. O termo inclusão é recente, ouvindo-se falar pela primeira vez no Brasil em 1990. A inclusão por ter seu sentido amplo pode ser facilmente confundida com a integração. Enquanto a Integração defende com prioridade o direito das pessoas com deficiência, buscando a inserção parcial e condicional dessas pessoas, na inclusão se imagina o direito de todos, sem nenhuma condição ou restrição.

Dessa forma, a inclusão da pessoa com autismo precisa ser entendida na mesma direção. A inclusão do estudante com autismo entende-se em um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades da criança, respeitando suas particularidades. Assim, esse processo de inserir as crianças com autismo dentro das salas regulares de ensino traz uma quebra de paradigma para as escolas conservadoras e tradicionais.

Conforme Ropoli:

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas. (ROPOLI, 2010, p.8).

Para crianças com autismo a inclusão escolar não se resume apenas no aluno dentro da escola, mas espera que sua interação se dê num ambiente escolar que se estruture e que fique adequado a ele não apenas às necessidades físicas do aluno, mas que ao incluir esse aluno na escola se produzam novas atitudes e atividades em todo os profissionais da escola, bem como nas comunidades escolar como um todo.

Segundo a Declaração de Salamanca que traz a concepção de inclusão no seu sentido amplo;

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que

procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 61).

Muitas são as opiniões sobre a inclusão escolar, entretanto, todas elas produzem a mesma opinião, que as escolas precisam estar preparadas para receber e ensinar os alunos. Os professores precisam estar preparados de sua participação junto à escola para que ocorra essa inclusão. Ele será o intermediário principal que fará com que o aluno ultrapasse a barreira do anonimato, da incapacidade, para apresentar suas potencialidades.

Por lei a inclusão escolar se faz necessária a todos. Sendo assim, a criança com autismo ao ser introduzido na escola regular, poderá contar com a interação junto às demais crianças e dessa forma desenvolver sua linguagem, melhorar seu convívio social, a escola será sua primeira experiência enquanto sociedade

Para Silva:

A inclusão escolar teria o objetivo nobre de colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor. Falar em inclusão é um tema delicado e complexo quando saímos da teoria e partimos para uma prática efetiva nas escolas (SILVA, 2012, p.112).

É necessário que todos os profissionais da escola juntamente com os pais estejam engajados nessa luta de incluir a criança no convívio escolar. Os professores precisam estar atentos às necessidades desses alunos, procurando sempre a melhor maneira de lhe oferecer um suporte para que eles se sintam seguros e capazes de desenvolver suas potencialidades.

Os professores ao inserir a criança com autismo deverão adotar uma metodologia de

ensino fundamentada na perspectiva do desenvolvimento da linguagem, onde esse aluno passará a ser incentivado a aprender de uma forma diferente dos demais, sempre que precisar, e isso implica na formação que o professor terá para que dê ao mesmo, ferramentas capazes de desenvolver essa mediação entre o professor, aluno com autismo e alunos regulares.

O trabalho educacional ocorre a partir da relação com o outro, em busca da construção desse sujeito que através da cultura, da linguagem e da mediação se desenvolve. Para a criança com autismo o reconhecimento e a interação devem ocorrer dentro de suas possibilidades.

Para Orrú (2012)

O aluno com autismo é um ser humano que deve ser respeitado em seus limites. Assim sendo, a linguagem adentra todas as áreas de seu desenvolvimento, orientando sua percepção sobre todas as coisas e o mundo no qual está inserido. É pela linguagem que o aluno com autismo, em seu campo de atenção, aprendendo a diferenciar um determinado objeto de outros existentes, assim como construir ferramentas internas para integrar estas

informações. Pela linguagem, também modificará seus processos de memória, deixando de ser engessado por uma ação mecânica de memorização, o que facilitará o desenvolvimento de uma atividade consciente que organiza o que deve ser lembrado. A linguagem proporcionará ao aluno com autismo maior qualidade em seu processo de desenvolvimento da imaginação, ação essa, em geral, tão comprometida em pessoas com a síndrome (ORRÚ, 2012, p.111).

As crianças com autismo precisam estar dentro da escola e participarem de toda a programação que ela tem a oferecer. Para que isso ocorra, o currículo precisa ser adaptado a fim de promover verdadeiramente a inclusão escolar. Essas adaptações devem ser de uma forma que a criança com autista sintam-se estimulada a querer participar das atividades em grupo e interagir com os demais coleguinhas.

Para que ocorra a inclusão foram desenvolvidos métodos e instrumentos que podem facilitar a aprendizagem do aluno autista e, conseqüentemente, seu processo inclusivo. Inicialmente estes recursos não tenham sido criados, para a escola regular, nada impede que possam ser utilizados em prol da inclusão das crianças com autismo dentro das salas de aula. Alguns que se destacam são ABA, o PECS e o TEACCH.

O método ABA (Análise Aplicada do Comportamento) consiste basicamente em mudar os comportamentos inadequados por comportamentos funcionais positivos.

Conforme Silva nos explica:

É um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas, transformando-as em” estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver (SILVA et al, 2012, p. 153).

Outro modelo de intervenção é o sistema de comunicação por Troca de Figuras (PECS), que utiliza a troca de figura para estabelecer a compreensão e acelerar os estímulos. Utilizado como tratamento psicoterápico, este modelo, tem a função de estimular a criança através de exercícios que reprogramam comportamentos para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados, ou seja, é um tratamento voltado para estimular a criança a aprender, utilizando técnicas que a criança se sinta bem em praticá-las. Este método varia desde atividades básicas como um simples fato de ir ao banheiro. a criança estimulada oferece ao professor ou responsável por ela, a figura correspondente à ação desejada, facilitando assim, a comunicação entre ambas

A inclusão insiste em uma reestruturação do sistema de ensino com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para o trabalho com todos os alunos, sem diferenciar raça, classe, gênero ou características pessoais. Por isso todas as crianças que estão nas escolas especiais têm o direito constitucional de ingressar no sistema regular, em turmas que condizem com sua idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a inclusão da criança com TEA está muito além da sua presença na sala de aula, deve sobretudo almejar a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades, superando as dificuldades, porém o que é visto nas escolas é oferta de vaga para inserir essas crianças, mas não promove modificações nas práticas pedagógicas.

A inclusão visa despertar na sociedade uma nova forma de enxergar aqueles que possuem algumas características diferentes. Procurando construir uma visão democrática para estabelecer justiça, equilíbrio e oportunidades e o acesso à cidadania.

Atualmente pensar em uma proposta curricular especializada, contendo as alterações necessárias para que possa atender às necessidades educativas das crianças com TEA, proporcionando-lhes, assim, um desenvolvimento satisfatório, é voltar-se, sobretudo, para a construção de orientações de atividades lúdicas e interativas no âmbito familiar de modo a possibilitar que essas atividades se deem em ambientes que favoreçam o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social dessas crianças.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, M. (2008) **A música mesmo no meio da escola**. Cadernos de estudo 14: escola superior de educação Paula Frassinetti.
- BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: transtornos globais do desenvolvimento / José Ferreira Belisário Filho, Patrícia Cunha. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- Cacciari, F. R., Lima, F. T., & Bernardi, M. R. (2005). Resignificando a prática: Um caminho para a inclusão. **Construção Psicopedagógica**, 13, 13-28. C
- Camargo, S. P. H. & Bosa, C. A. (2009). Competência social, inclusão escolar e Autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, 21(1). Campbell, S. I. (2009). Múltiplas faces da inclusão. Rio de Janeiro: Wak Editora
- Declaração de Salamarca**: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>
- Silveira, F. & Neves, M. (2006). Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: Concepções de pais e professores. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 22(1), 79-86.
- SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. In: SCHMIDT, C (org) **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.



EVOLUÇÃO

Ano 51
n. 51
Abri. 2024
ISSN 2675-2573



FÁTIMA

Profa. Doutoranda em

ENTREVISTA

Profa. Dra. KÁTIA

LANÇAMENTO

www.primeiraevolucao.com.br



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.52>

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alecina do Nascimento Santos
Andressa Talita de Lara
António Evaristo
Daniela da Silva Souza Santos
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Fernanda Jaquelina Irineu Holanda
Janaina Pereira de Souza
Jéssica Midori Ninomiya Ribeiro
Letícia Zuza de Lima Cabral
Luciana Pereira dos Santos Martins
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida da Silva
Maria de Lourdes Ferreira da Silva
Maria Gilma do Nascimento Azevedo
Marilena Wackler
Monik de Cássia Sena de Almeida Morelo
Monika Shinkarenko
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sabino Lázaro Argentino
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Simone de Cássia Casemiro Bremecker

ISSN 2675-2573



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

